

**CARTAS DE ZULEIKA EM “O MINOSSAURO”, DE BENEDICTO MONTEIRO: VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NA DITATURA MILITAR PÓS-1964 NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

**LETTRES DE ZULEIKA DANS “O MINOSSAURO”, DE BENEDICTO MONTEIRO: VIOLATION DES DROITS DE L'HOMME DANS LA DICTATURE MILITAIRE DE L'APRÈS-1964 EN AMAZONIE BRÉSILIENNE**

Maria de Fatima do Nascimento  
Universidade Federal do Pará (UFPA)  
Belém-Pará-Brasil

**Resumo:** Este artigo discute quatro cartas, da personagem Zuleika, do romance O Minossauro de Benedicto Monteiro, de dez cartas dela que estão publicadas na referida obra, refletindo a respeito da violação dos Direitos Humanos no período da ditadura militar pós-1964 na Amazônia brasileira, considerando o título II, Dos Direitos e Garantias Fundamentais e alguns incisos do Capítulo 1 Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos da “Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, até a emenda 99/2017”, haja vista que o romancista Benedicto Monteiro sofreu perseguição política, foi preso e torturado em Belém do Pará, logo após o golpe militar no Brasil.

**Palavras-chave:** Benedicto Monteiro; Personagens femininas; Romance na ditadura militar pós-1964 na Amazônia.

**Resumé:** Cet article traite de quatre lettres du personnage de Zuleika, dans le roman « O Minossauro », de Benedicto Monteiro, sur les dix lettres publiées dans l'ouvrage susmentionné, en réfléchissant à la violation des droits de l'homme dans la période de la dictature militaire post-1964 en Amazonie brésilienne et en considérant la Constitution de la République Fédérative du Brésil de 1988, jusqu'à l'amendement 99/2017, ainsi que le titre II sur les droits et garanties fondamentaux et le chapitre 1 sur les droits et devoirs individuels et collectifs, étant donné que le romancier Benedicto Monteiro a subi des persécutions politiques, a été arrêté et torturé à Belém do Pará à partir d'avril 1964, peu après le coup d'État militaire au Brésil.

**Mots-clés :** Benedicto Monteiro; Personnages féminins; Romance dans la dictature militaire d'après 1964 en Amazonie.

## **Benedicto Monteiro, seus romances e o Regime Militar Pós-1964 no Brasil: um recorte**

“[...] Vem da planície verde  
este grito estranho,  
este grito bárbaro  
que já rompeu todas as florestas  
e reboou em todos os igapós.  
Vem da Amazônia,  
este grito forte  
que tem a voz nova das crianças  
e a poesia antiga  
da voz dos meus avós...”  
(Monteiro, 1945, p. 13-14)

Objetivamos neste artigo<sup>12</sup> abordar a violação dos Direitos Humanos que é denunciada nas cartas de Zuleika, personagem feminina, do romance “O Minossauro”, de Benedicto Monteiro, especialmente “a liberdade de expressão, o direito de ir e vir, a liberdade de consciência e de crença e a liberdade de expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação”, com garantia na Carta Magna a todos os brasileiros e a todas as pessoas estrangeiras que residem em solo do Brasil, conforme é expressada em seu artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil que foi promulgada em 1988. Em seu artigo 5º, traz no “Título II” e “Capítulo I”, “Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos” setenta e oito incisos em algarismos romanos, alguns deles com parágrafos e letras do alfabeto português brasileiro. Aqui usaremos os incisos necessários para relacionarmos às cartas, que são objetos literários e serão analisadas, neste trabalho, conforme segue no artigo 5º com os quatro primeiros incisos:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguinte:

I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta constituição;

II - Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei;

III - Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato.

---

<sup>12</sup> Com muitas alterações, este artigo foi baseado na nossa dissertação de Mestrado “A representação alegórica da ditadura militar em “O Minossauro”, de Benedicto Monteiro: fragmentação e montagem”.

Após vinte anos de Ditadura militar no Brasil (1964-1984), período em que os governos militares eram antidemocráticos e autoritários prenderam, torturaram e mataram muitos brasileiros, em 1985 houve eleições democráticas e em 1986 foi convocada uma Assembleia Nacional Constituinte para a elaboração de uma nova constituição que atendesse os anseios dos brasileiros. Desse documento participaram deputados federais, senadores e a sociedade civil, estando em vigor atualmente.

Kenneth P. Serbin, em seu livro “Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura”, esclarece que:

Em 1973, a Igreja realizou protestos que duraram meses contra o assassinato de Alexandre Vannucchi Leme, um estudante da Universidade de São Paulo (USP), de 22 anos, que morreu na cadeia horas depois de ter sido preso e torturado, por agentes de segurança. [...].

[...]. A maior parte dos textos sobre a ditadura militar destaca outro importante protesto religioso como o grande despertar da oposição para a luta pelos direitos humanos e pela democracia: o assassinato por tortura do jornalista Wladimir Herzog, em 1975. Nas palavras do colega jornalista e também vítima de tortura Paulo Markun “A morte de Wladimir Herzog mudou o Brasil. Provocou a primeira grande reação popular contra a tortura, as prisões arbitrárias, o desrespeito dos direitos humanos (SERBIN, 2001, p. 382).

Nesse sentido, para discutirmos as referidas cartas de Zuleika no romance “O Minossauro”, necessário se faz conhecer um pouco da vida político-partidária do autor Benedicto Monteiro, que nasceu em 1º de março de 1924, no município de Alenquer, no Estado do Pará e faleceu em Belém (PA) em 15 de junho de 2008. O intelectual paraense, além de poeta, romancista, contista, foi também jornalista, advogado e político, cujo centenário de nascimento comemoramos neste ano de 2024.

Na condição de deputado Estadual e Federal, Benedicto Monteiro sofreu perseguição ideológica e cassação de mandato por parte do regime militar brasileiro pós-1964. Paralelamente às atividades partidárias, exerceu sua função de profissional liberal (advogado) e se destacou como articulista eventual de alguns jornais paraenses. Deixou-nos livros de poesias e contos, mas se consagrou como romancista, pela sua “Tetralogia Amazônica”.

Como romancista, nas décadas de 1970 e 1980, produziu os seguintes livros: “Verde Vagomundo” (1972), “O Minossauro” (1975), “A Terceira Margem” (1983) e “Aquele Um” (1985), narrativas que, conjuntamente, denominou “Tetralogia Amazônica” e nas quais o personagem Miguel dos Santos Prazeres, trabalhador rural

ribeirinho e profundo conhecedor da região amazônica, relata casos ao Major Antônio de Medeiros, ao geólogo Paulo e a um geógrafo, respectivamente narradores de “Verde Vagomundo”, “O Minossauro” e “A Terceira Margem” (1983). Com tais relatos, o autor amazônico compõe a obra “Aquele Um”.

O fato de Benedicto Monteiro ter sido preso, torturado e perseguido político pelo regime militar pós-1964 no Brasil refletiu-se na matéria narrativa desses romances, que apresentam estruturas fragmentárias e estratégia de montagem/colagem, traço também característico do comportamento do Major Antônio de Medeiros, do geólogo Paulo e do geógrafo, já que são todos narradores-compiladores e escritores estreados às voltas com reunião de textos para a composição de seus livros. A partir de agora, vamos nos ater às cartas de Zuleika.

O romance “O Minossauro”, no período da ditadura militar pós-1964 no Brasil, foi publicado na gestão do General Geisel (1974-1979), quando da implementação da dita abertura, embora permaneça uma censura controlada pela Política Nacional de Cultura (1975), a qual se reflete no centralismo da produção intelectual. A “moderna” forma de repressão no governo Geisel é vista, unanimemente entre nós pela sociocrítica, como a mais sofisticada fase repressiva cultural da história da ditadura militar pós-1964. Tal se deve ao perverso jogo para desmobilizar os que não concordavam com semelhante processo: aos cooptados são concedidos incentivos, financiamentos e empregos; aos opositores, além da censura intelectual, são impostos o exílio, o desemprego, a tortura físico-mental e até a morte<sup>13</sup>.

Fatima Nascimento em sua Dissertação de Mestrado: A representação alegórica da ditadura militar em O Minossauro, de Benedicto Monteiro: fragmentação e montagem<sup>14</sup> afirma que:

A vida político-partidária de Benedicto Monteiro, centrada em aspirações reformistas, foi entremeada por muitos dissabores: em 16 de abril de 1964, cassaram seu mandato, ficando seus direitos políticos

---

<sup>13</sup> A propósito, Heloísa Buarque de Hollanda e Marcos Augusto Gonçalves observam o que se segue: “No campo cultural, esse processo conta com uma forte presença do Estado, que se expressa contraditoriamente numa política que oscila entre a censura, repressiva, e o incentivo, produtivo. A originalidade da intervenção estatal na cultura nos parece ser dada nesse momento por essa dimensão produtiva, pela adoção de uma lógica positiva no tratamento da questão cultural: o Estado deixa *tão*-somente de reprimir e passa a fornecer programas para a, intelectualidade, incentivos à produção, *agências* voltadas para a cultura” (Hollanda e Gonçalves, 1980, p. 33).

<sup>14</sup> Benedicto Monteiro nos deu 5 (cinco) entrevistas, das quais publicamos 3 (três) na dissertação de Mestrado, defendida em 2004, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Na oportunidade, ele reconta fatos da sua vida que estão também em seu livro “Transtempo” (1993). Na capa desse livro, há uma fotografia de Benedicto Monteiro desembarcando do avião em Belém do Pará. Ele chega de Alenquer como preso político, em destaque na frente, descalço, algemado. A algema fixa-se num de seus braços e noutra de um policial da Aeronáutica. Vêm muitos militares da aeronáutica acompanhando a prisão.



suspensos por dez anos. Antes da sua cassação, em 2 de abril de 1964, portanto, dois dias após o Golpe Militar (31/03/1964), ele fugiu num jatinho, saindo do aeroporto militar de Belém para Alenquer, com medo de um boato que surgiu na capital do Pará de que ele seria o primeiro a ser preso e assassinado pelos militares

Ao chegar à sua cidade natal, Monteiro verificou que a única saída para ele era se esconder nas matas. Por isso, andou mais ou menos sessenta quilômetros a pé, indo se esconder nas “matas” do Quilombola Pacoval, onde tinha vários amigos. Daí ficou vários dias perambulando, foragido na floresta amazônica, sabendo das notícias do Brasil e do mundo por meio de um rádio de pilha que levava consigo, e pela “rádio cipó”, isto é, pelos mensageiros amigos que se encarregavam de levar as notícias que não eram veiculadas pelo rádio transistor (Nascimento, 2004, p. 9).

Como vemos, era dessa forma que os trabalhadores, especialmente os políticos, que estavam fazendo a defesa ou apoiando a medição das terras para que os agricultores, que já residiam na Amazônia pudessem ter os documentos de suas propriedades, passaram a viver, nesse período nefasto da vida dos brasileiros, escondidos, pois todos eram considerados comunistas e traidores da pátria. Por isso, essas pessoas eram caçadas, como se caçavam, naquela época, os animais da floresta Amazônica, conforme foi caçado Benedicto Monteiro:

Sabendo que havia várias patrulhas caçando-o com ordens para matá-lo, verificou que, naquelas condições, era fácil ser morto a qualquer momento. Por isso, propiciou sua captura, entregando-se aos policiais militares em 16 de abril de 1964, tendo sido algemado, amarrado, preso às margens do Rio Curuá e exposto, em trajes menores e descalço, aos ribeirinhos da região da cidade de Alenquer e Santarém, para intimidar aqueles que, por ventura, ousassem acolher e esconder todos aqueles julgados ou acusados de “comunistas” pelos militares.

Após essa exposição, Benedicto Monteiro foi trazido por seus algozes para Belém do Pará, chegando na noite do dia 17 de abril de 1964 diretamente ao Quartel da Aeronáutica, onde passou a ser torturado, vivendo lá, por sessenta dias, incomunicável. Benedicto Monteiro permaneceu sete meses trancafiado numa cela de dois metros quadrados, dormindo no chão de cimento frio, sendo torturado na calada da noite por militares no Quartel da Aeronáutica e no Quartel do 26º Batalhão de Caçadores do Exército, em Belém do Pará, atualmente 2º Batalhão de Infantaria de Selva – 2º BIS (Nascimento, 2004, p. 9-10).

Segundo Benedicto Monteiro, os militares o acusaram de comunista e subversivo e tomaram como prova de tal acusação o fato de ele ter integrado a comitiva do governo do Estado do Pará (Aurélio do Carmo), do qual era Secretário de Obras, Terras e Aviação, em viagens aos países comunistas: Checoslováquia, Cuba, Rússia e China. E,

principalmente serviu de prova material de acusação de comunista contra Benedicto Monteiro sua composição musical intitulada “O Canto do Lavrador” (1962). Essa música foi criada para ser cantada “[...] nos comícios, nas manifestações e nas reuniões dos sem-terra, dos posseiros e dos trabalhadores rurais”, conforme Benedicto Monteiro expõe nas páginas 187 e 188 do livro *Transtempo* (1993)

#### O canto do lavrador

Agora nós vamos pra a luta,  
a terra que é nossa ocupar,  
a terra é para quem trabalha,  
a história não falha,  
nós vamos ganhar.

Já chega de exploração,  
já chega de tanto sofrer,  
ou morre jogado no eito.  
ou leva no peito  
O jeito é vencer.

Já chega de tanta promessa,  
já chega de tanto esperar,  
a terra na raça ou na garra,  
na lei ou na marra,  
nós vamos tomar.

Agora nós vamos pra a luta,  
a terra que é nossa ocupar,  
a terra é para quem trabalha,  
a história não falha,  
nós vamos ganhar.

(Monteiro, 1993, p. 187-188)

A situação de Benedicto Monteiro agravou-se a partir de 1968, sobretudo, com o Ato Institucional Nº 5, (AI-5, de 13 de dezembro), que afirmava em seu *caput* o seguinte:

São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências ([https://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm)).

Na verdade, o que foi escrito no “AI 5” já vinha acontecendo desde o início do Golpe Militar de 1964, mas a partir desse Ato, os governos militares poderiam cometer

todas as atrocidades que vinham cometendo, mas agora de forma regularizada pelo próprio estado brasileiro. Os ditadores poderiam fazer o que bem quisessem com todos os opositores ao regime antidemocrático, pois não havia Direitos Humanos, os agentes de segurança podiam prender, torturar e matar quem eles considerassem subversivo e comunista, mesmo que não comprovassem os delitos imputados aos presos, por isso depois de solto, Benedicto Monteiro continuou sendo vigiado e perseguido pelos militares e vivendo numa situação de exílio domiciliar, sem poder exercer a profissão de advogado e nem assinar documentos junto aos órgãos de justiça.

### **Zuleika, autora de cartas em “O Minossauro”: violação de Direitos Humanos na ditadura militar pós-1964 no Brasil**

Nesse contexto histórico, “O Minossauro” inicia-se com Miguel dos Santos Prazeres, personagem importante desse livro, chegando sem chamar a atenção no barco flutuante, que está ancorado à margem de um rio, onde fica a equipe da Petrobrás, da qual o geólogo Paulo é o chefe. Essa equipe está explorando petróleo em Alenquer - Pará, na Região Amazônica. Miguel anda foragido nos rios e nas florestas da Amazônia brasileira paraense, haja vista ele temer os militares. O motivo reside no fato de ele ter soltado fogos de artifício na festa de Santo Antônio, padroeiro de Alenquer (PA), ação romanesca realizada no primeiro livro da “Tetralogia Amazônica”. Por isso, é considerado comunista e subversivo. Vejamos sua apresentação:

Não, eu não me alembro como eu nasci. Faz muito tempo. Mesmo sendo ainda novo, faz muito tempo. De memória, não sei o lugar, nem o dia, nem a hora. Quando dei acordo de mim diz'que já era homem. Homem, sim senhor.

Me alembro do dia que nasci de novo. Renasci. Renasci do fogo. Isso eu me alembro. Desse dia, ou melhor, dessa noite, eu me alembro como se fosse hoje. Eu me alembro, também, que era de cima de um morro, um morrote. Era o único morro no meio da cidade. E era a única cidade no meio daquele mundo (Monteiro, 1990, P. 15).

Miguel afirma que renasceu, porque enfrentou os policiais que estavam armados de metralhadoras, quando soltou os fogos e fugiu sem que fosse morto. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 5º, a respeito do “Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos”, “inciso VI” afirma que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias”. Desse modo,

a fala de Miguel sobre sua situação de exílio contada ao geólogo Paulo revela a violação do direito a suas crenças, uma vez que é comum, na Região Amazônica, os católicos soltarem fogos de artifício para louvar os santos padroeiros ou as santas padroeiras das cidades onde residem, no caso da personagem Miguel, ele estava realizando uma atividade para a Igreja Católica: preparar os fogos de artifício e soltar na festa de Santo Antônio, padroeiro de sua cidade, Alenquer, bem como pagando uma promessa. Porém, essa atividade foi encarada pelos militares como subversiva, de acordo com a sua fala, que é um retrospecto do último episódio do livro “Verde Vagomundo”:

Eu tinha fabricado fogos, foguetes e fogos de artifício, para queimar na festa de Santo Antônio. Eram fogos para nove dias e nove noites – O senhor pensa? - queimei tudo numa hora. [...] Tinha fabricado esses foguetes pra apreciar de longe. Queria, eu mesmo, elogiar minha competência. Queria – como lhe diga – ficar maravilhado. Isso eu queria. Era também uma promessa, deixe que lhe conte: um descargo de consciência. Nunca pensei de ter força de afrontar um coronel. Um coronel de farda. Tomara o senhor visse: um coronel de arma em punho; um coronel em ofício de polícia; em desempenho de forte comando e em desmando de forte governo militar (Monteiro, 1990, p. 16).

Essa história que a personagem Miguel dos Santos Prazeres passa a contar ao geólogo Paulo, reforça a sua situação de degredado na sua própria terra, de onde só aceitar trabalho informal, como mateiro e pescador, na equipe da Petrobrás, em um dos rios da Amazônia, já que ele suspeitava que os militares podiam estar por trás de tal empreendimento. Na equipe há o chefe, o geólogo Paulo, vindo de Belém do Pará, e o engenheiro geofísico Roberto, ex-militante de esquerda, vindo do Rio de Janeiro. Ambos vivem num barco, espécie de casa flutuante em um rio alenquerense.

Lá recebem das namoradas, respectivamente Zuleika e Simone, cartas cifradas com informações sobre o que está acontecendo no Rio de Janeiro e em Belém do Pará sobre a perseguição ideológica e as práticas militares contra a Amazônia. No romance “O Minossauo”, a exemplo de *Verde Vagomundo*, como o Major Antônio Medeiros, encontra-se um narrador-escritor-compiler, o geólogo Paulo, às voltas com a coleta de material para escrever o seu livro, o que pode ser visto nos seguintes parágrafos:

Aqui nesta equipe, estou no lugar privilegiado para ler, estudar, analisar e escrever. Todas as tardes chegam as turmas de topografia e de sísmica, do trabalho com material de campo. Se puder recolher a impressão que cada um traz dos lagos, das matas, da terra e do rio, vou ter material para escrever um grande livro (Monteiro, p. 41).

Quando ouço (e vejo) Miguel viver (e narrar) as suas histórias, fico com inveja da fluência, da veemência e até da poesia, que na sua boca, adquirem as palavras mais simples. Gravadas em fita, escritas numa página, pintadas num quadro, acho que perderiam a vida que explode em puro ritmo (Monteiro, p. 66).

Num contexto de trabalho, Paulo, o geólogo, aproveita as impressões dos trabalhadores e todo o material escrito ou falado que chega à equipe, como as notícias de rádio, as cartas de Zuleika e de Simone e principalmente a fala de Miguel, personagem pária, pertencente a uma tradição oral, que se faz voz dos oprimidos e despossuídos, que agora se encontra como um trabalhador informal, com medo de deixar seu nome nos registros da Petrobrás e ser pego pela polícia, são essas histórias que Paulo vai organizando e escrevendo o seu livro, que é “O Minossauro”. Fatima Nascimento observou que o romance “O Minossauro” apresentava:

[...] uma estrutura romanesca com múltiplos pontos de vista, em que as personagens se articulam como que em blocos de fala (Miguel, Paulo, Locutor de Rádio, Zuleika e Simone). A sequência desses blocos caracteriza-se pela montagem já que, em cada bloco (num total de onze blocos), as personagens rompem abruptamente com os seus discursos, dando lugar ao de outra personagem, numa sequência de fragmentos como, por exemplo, textos oralizantes, depoimentos, citações de diferentes autores e do próprio Benedicto Monteiro, textos jornalísticos, poemas, relatórios, composição musical, cartas, entre outros, que, em sua grande parte, já existiam e que Benedicto Monteiro tomou como empréstimo, usando, dessa forma, a estratégia narrativa da montagem (Nascimento, 2004, p.57-58 ).

O estudioso Peter Bürger, analisando a questão da montagem nas artes plásticas de vanguarda do início do século XX, esclarece:

O que distingue estas obras das técnicas de pintura praticadas desde o Renascimento é a incorporação de fragmentos de realidade na pintura, ou seja, de materiais que não foram elaborados pelo artista. Assim se destrói a unidade da obra como *produto* absoluto da subjetividade do artista (1993, p. 128).

Neste trabalho, por limite de páginas, serão discutidas quatro cartas de Zuleika, embora contabilizem um total de vinte cartas no referido romance, sendo dez de Zuleika e dez de Simone. Essas cartas obedecem às normas gerais que regem a atividade epistolar, na qual existe “a necessidade ou o gosto de comunicar por escrito, que a título particular, pressupõe sempre uma distância mais ou menos considerável a separar o autor da carta e seu destinatário (Buescu, 1997, p. 68).

Semelhantes cartas são fundamentais para observarmos como era difícil viver num período antidemocrático, em que os artistas, sejam cantores, romancistas e afins, eram punidos por causa de seus pensamentos, seus livros, suas composições e seus cantares. Assim, no primeiro bloco de falas do romance, tem-se a fala de Miguel, um texto longo, no qual ele fala de várias situações degradantes vividas no interior da Amazônia, como se tivesse sendo entrevistado por Paulo para conseguir um emprego na firma. Ele vai falando, contando várias histórias que ele viveu na região: “Miguel dos Santos Prazeres, sim senhor, este é o meu nome. Identidade? Não senhor, o meu nome. [...] Não senhor, não nasci no Nordeste. Sim, sou daqui mesmo. Caboco da gema. Nascido, vivido e criado” (Monteiro, 1990, p. 20).

Miguel é um profundo conhecedor da floresta e dos rios amazônicos. Ao mesmo tempo que ele vai respondendo as perguntas a um senhor, que percebemos ser o geólogo Paulo, ele vai falando daquilo que conhece, ou seja, da floresta, dos rios, dos peixes, das caças e das situações vivenciadas por ele e por outros indivíduos da região. Paulo fica encantado com suas histórias e vai querendo saber mais. Em seguida, tem-se o discurso de Paulo, que localiza onde estão trabalhando e o que fazem:

Latitude: entre a linha do Equador e o Paralelo 4°  
Longitude: entre o meridiano 54 e 58 Greenwich  
Local: móvel  
Área: bacia sedimentar de 500.000 quilômetros quadrados  
Material de pesquisa: petróleo  
Método: sismográfico  
Unidade móvel: equipe S  
(MONTEIRO, 1990, P. 39).

Após a informação do local e do tipo de pesquisa que a “equipe S” está fazendo, vem a seguinte observação: “Na sala de rádio chega a notícia” e começam notícias radiofônicas. A maior parte é sobre política: “Os quatro exércitos que compõem as forças de terras brasileiras, com mais de 30.000 homens, mudam de comando”; “O embaixador suíço no Brasil, sequestrado por subversivos, é liberado em troca de 70 presos políticos que são exilados no Chile” (Monteiro, 1990, p. 40). A seguir, tem-se o discurso de Paulo. Ele pensa a Amazônia de forma diferente. Senão, vejamos: “Tenho que me libertar primeiro do condicionamento da literatura que li sobre a Amazônia. Já sei que não vou encontrar aqui, o mundo dos cientistas, dos cronistas e dos viajantes” (Monteiro, 1990, p. 41). Paulo se encanta com tudo o que observa na Amazônia e logo depois recebe a informação de que “O hidroavião voando pelas coordenadas traz a correspondência” (Monteiro, 1990, p. 46).



Depois da fala do Paulo, tem-se a primeira carta de Zuleika, uma estudante universitária de ecologia, que reside no Rio de Janeiro e envia dez cartas para o seu noivo Roberto, engenheiro geofísico, vindo do mesmo Estado. As cartas são disseminadas no romance sempre subsequentes ao discurso do narrador Paulo, uma espécie de organizador do livro, como se estivesse no escritório trabalhando e ouvindo um rádio que traz notícias do Brasil e do Mundo. Eis um fragmento da primeira carta de Zuleika:

*Rio de Janeiro*  
*Querido Roberto*

Você sabe que por sua causa, leio tudo o que aparece nos jornais e revistas sobre a Amazônia. Até notícias de Rádio e TV sobre a região, escuto e vejo como se estivessem ligadas diretamente às suas atividades aí na equipe. Agora mesmo, acabo de ler uma reportagem na qual uma grande revista propõe a seguinte questão: a Amazônia é local onde a humanidade pode tentar novas experiências de vida? Gostei muito das respostas dadas por um arquiteto brasileiro que não resisti ao desejo de transcrevê-las para você. (Não publicaram a fotografia do jovem arquiteto, não sei por que?). Ele diz: “O homem foi à Lua, viu a terra de longe, descobriu como ela é preciosa. Percebeu também que estava perto de destruir seu ambiente natural, que destruindo-o morreria junto com ele”

Zuleika  
(Monteiro, 1990, p. 46-47).

A primeira carta de Zuleika é longa e sempre começa chamado o seu noivo de “querido”. O assunto inicial é sobre um jovem arquiteto que pensa um novo modelo de cidade na Amazônia, ou seja, a “cidade do futuro” em que as casas devem ter a estrutura de barcos, como a casa flutuante onde a “equipe S” da Petrobrás reside, nesse momento, trabalhando num dos rios de Alenquer-Pará, Amazônia. Geralmente é no meio das Cartas que Zuleika informa sobre a ditadura militar. Ela é bastante irônica com relação as questões da natureza. Podemos perceber em seu discurso que ela, pela voz do arquiteto, informa que, se o homem destruir a natureza, vai se destruir também.

Zuleika toma a entrevista que o “jovem arquiteto brasileiro” deu para uma revista no Rio de Janeiro a respeito de seu “projeto da cidade amazônica”, que ela vai disseminando em suas cartas e vai informando como está a situação no período da ditadura militar no Brasil. Vejamos como, pela entrevista do arquiteto, que vem aspeada, ela demonstra esse período:

‘Os homens se concentram nas cidades para aproveitar as facilidades da vida coletiva e do aumento de comunicação entre eles. O futuro das cidades parecia, portanto, ligado ao aumento de seus habitantes e das comunicações dentro dela. Hoje, a explosão demográfica é uma ameaça e o que parecia ser aumento de facilidades (Felicidades?) e, portanto, de liberdades para a vida, a rede urbana de comunicações, está se tornando um aprisionamento do homem, o talão de cheques, e as estradas, o cartão de crédito, e o fio telefônico, o cartão de ponto e a fila de ônibus estão amarrando o homem’ (“O Minossauro”, p. 46).

Essa primeira carta vai dando indícios de que a vida nas cidades grandes não vai bem. Existe a falta de liberdade entre os homens. Significa que a vida coletiva está em perigo por falta de comunicação. Zuleika nas entrelinhas demonstra que não é possível a liberdade, naquele momento, e sugere que existe a repressão das formas de comunicação, especialmente nos grandes centros culturais, como o Rio de Janeiro e quando não se respeitavam os direitos humanos nos governos antidemocráticos, que implementaram o AI 5. Zuleika em suas cartas vai conversando com seu noivo Roberto como se recebesse cartas dele também, mas no livro não há cartas de Roberto. Sabemos que ela recebe carta dele pelas informações das próprias cartas de Zuleika, “[...] você acha que essa equipe pode ser, além do embrião de uma cidade móvel, a experiência de uma indústria flutuante; como sugere o arquiteto? Concordo com você, amor, que ele seja utópico e poético”. [...] (Monteiro, 1990, p. 73).

Zuleika é muito irônica quando traz à baila essas questões sobre a Amazônia, demonstrando que o arquiteto não conhece a Amazônia, mas opina sobre ela como se aqui vivesse e soubesse dos problemas enfrentados pela população local. É na segunda carta que sabemos que ela é uma estudante universitária de ecologia. Eis suas palavras: “[...] Creio que esta carta de amor é uma carta da nossa época, você sabe, não perco a mania de universitária, estudante de ecologia, etc, etc, que você bem conhece...”. Ela vai contando por parte em cada carta o que o arquiteto disse sobre a criação das cidades na Amazônia e é somente no meio das cartas que ela coloca alguma questão explicitamente sobre a ditadura militar no Brasil, conforme veremos num dos excertos da terceira carta.

*Rio de Janeiro*  
*Querido Roberto*

Enquanto aguardo a opinião que você me prometeu sobre a ideia do arquiteto brasileiro a respeito da cidade do futuro, não resisto à angústia de falar a você sobre a razão de sua transferência pra essa equipe aí no baixo amazonas.

Creio que foi o caminho certo. Com o seu temperamento e sua concepção política você não teria condições de se manter aqui e estaria correndo um sério perigo. Só pra você ter uma ideia: X está preso, Y parece que caiu na clandestinidade e Z, condenado a dez anos, está exilado não sei onde. Aqui na nossa faculdade, professores e alunos vigiam-se mutuamente contra a delação generalizada. Ninguém sabe mais quem é professor, estudante ou polícia.

Peço desculpas a você, querido, por ter que tocar neste assunto. Sei que é muito perigoso mas tenho que informar a respeito. Vou tentar engendrar um código para responder a você futuramente. Com a sequência das cartas creio que você entenderá tudo.

Zuleika  
(O Minossauo, p. 85-6).

Podemos observar que Zuleika expõem a situação de um governo que bane de uma nação as pessoas que têm um pensamento diferente da ideologia antidemocrática, ditatorial. De onde sua preocupação com Roberto, engenheiro geofísico que deixou sua família, sua noiva, para trabalhar na Amazônia. Corria o risco de ele ser preso, torturado, exilado ou morto, como ocorreu com muitos brasileiros, cujos corpos até hoje a família não encontrou para dar um sepultamento digno. Zuleika pede desculpas e tem medo de mandar notícias, tendo em vista que, se a correspondência fosse aberta pelos militares, os dois poderiam ser presos. Por causa dessa violação dos direitos humanos é que agora está expressa na Constituição Federal Brasileira a inviolabilidade de correspondência, segundo os incisos IX, XII e XIII:

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

XII - É inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal;

XIII – é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;

Zuleika demonstra em sua terceira carta tal direito e, por isso, tem medo de falar. Contudo, precisa avisar o noivo de que a situação no Rio de Janeiro está difícil, com prisões e exílio de muitas pessoas, devendo ele se precaver. Nessa carta, ela afirma que vai engendrar um modo para dizer o que está acontecendo no Rio de Janeiro para não colocar a vida dele em risco, mas a vida dela também está em risco, pois nesse período ninguém poderia ser amigo ou alertar alguém dos perigos que a pessoa estava correndo, já que era também incriminado por ajudar todos aqueles que os militares ditadores diziam que eram comunistas. Nesse ponto, tem-se a quarta carta, na qual Zuleika vai trazer a

canção de Caetano Veloso, com o que engendra uma forma para despistar os ditadores militares, censuradores da arte e das correspondências:

*Rio de Janeiro*  
*Querido Roberto*

Tenho resistido em falar do meu cotidiano, só pra não dizer a você que “a sua lembrança não sai um minuto sequer do meu pensamento”. Eu sei que isso é chato e já foi dito milhões de vezes. Além das frases piegas e românticas, você iria tomar conhecimento apenas das peças do meu enxoval, dos problemas do meu curso e deste exílio ou degredo idiota em pleno nosso noivado. Sei que você está ansioso para saber notícias do movimento político. O movimento político está parado como diria um deputado conhecido pelas suas gafes. Ou simplesmente não existe, conforme informam informalmente os nossos cronistas bem informados. Você sabe que não devo (nem tenho) condições de apurar o que fazem as forças que atuam clandestinamente. Os protestos parecem que se refugiaram em piadas sibilinas de raros humoristas ou na letra de alguma música proibida pela censura. Parece que já não se discute nem nos bares nem nas esquinas. Caetano Veloso diz muito bem dessa situação na sua última gozação tropicalista: TUDO CERTO. Creio que você já deve ter ouvido no rádio, mas, em todo o caso, vai aqui a letra como lembrete:

Quando você me ouvir cantar  
Venha não creia eu não corro perigo  
Digo não digo não ligo,  
deixo no ar...  
Eu sigo apenas  
Porque gosto de cantar  
Tudo vai mal,  
Tudo ...  
Tudo é igual  
Quando eu canto eu sou mudo  
Mas eu não minto não minto  
Estou longe e perto  
Sinto alegrias tristezas e brinco  
Meu amor  
Tudo em volta  
Está deserto, tudo certo  
Tudo certo  
Como 2 e 2 são 5...

Zuleika  
(O Minossauro, p. 95-96)

A música “Como dois e dois”, de Caetano Veloso, foi composta por ele em 1971 em pleno governo do General Emílio Garrastazu Médici, que se manteve enquanto ditador de 1969 a 1974. Segundo Boris Fausto (2001), Médici foi um dos mais violentos, repressivos ditadores dos governos militares pós-1964 no Brasil. Essa composição de

Caetano Veloso foi censurada e encontra-se muito modificada, sem vírgulas, no romance “O Minossauero”. Trata-se de uma estratégia aos propósitos da comunicação que Zuleika tem com o noivo para falar que a situação do movimento político de esquerda no Rio de Janeiro estava bastante prejudicada. Tanto é que ela afirma que o nome da canção de Caetano Veloso é “TUDO CERTO” com letras de forma para dizer que tudo estava errado. A carta vem na íntegra, no presente artigo, para os leitores observarem como os direitos humanos foram violados no período funesto da ditadura militar no Brasil e estão denunciados em diversos livros que foram produzidos na época, a exemplo de “O Minossauero”, de Benedicto Monteiro.

#### Referências

- ARQUIDIOCESE, de São Paulo. *Brasil Nunca mais*. São Paulo: Vozes, 2001.
- BETTO, Frei. *Batismo de Sangue: A Luta Clandestina contra a Ditadura Militar – Dossiês Carlos Marighella e Frei Tito*, São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BRASIL, (CONSTITUIÇÃO DE 1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas emendas constitucionais nº. 1/1992 a 99/2017, pelo decreto legislativo nº 186/2008 e pelas emendas constitucionais de revisão nºs. 1 a 6/1994*. 53 ed. Brasília: Câmara dos Deputados. Edição Câmara, 2018.
- BUESCU, Helena Carvalhão (Org.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho S/A, 1997.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da Vanguarda*. Coimbra: Vega, 1993.
- FAUSTO Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque & GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e Participação nos Anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- [https://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm), acessado em 20 de agosto de 2024.
- MONTEIRO, Benedicto. *Verde Vagomundo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.
- MONTEIRO, Benedicto. *O Minossauero*. Rio de Janeiro: Novacultura, 1975.
- MONTEIRO, Benedicto. *A Terceira Margem*. Belém: CEJUP, 1983.
- MONTEIRO, Benedicto. *Aquele Um*. Belém: CEJUP, 1985.
- MONTEIRO, Benedicto. *Transtempo*. Belém: CEJUP, 1993.
- NASCIMENTO, Maria de Fatima do. **A representação alegórica da ditadura militar em “O Minossauero”, de**

**Benedicto Monteiro** Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2004, p. 143.

SERBIN, Kenneth P. “Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura”. São Paulo: Companhia das Letras, 2001: **fragmentação e montagem**. 2004,

Sobre a autora

**Maria de Fatima do Nascimento**

Professora Associada III de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal do Pará (UFPA); atua no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), Área de Concentração: Estudos Literários e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS/UFPA). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Crítica Literária, Benedito Nunes, Clarice Lispector, Literatura da Amazônia, Literatura e Ensino e Leitura Literária. Participa da Exerceu função de primeira tesoureira da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC/ biênio 2014-2015)), e da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP/biênio 2017-2019). Foi membro do Conselho Deliberativo da ABRALIC (2020 a 2023) e Segunda Tesoureira do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte (do GELLNORTE/ 2022-2023. Atualmente é primeira Tesoureira do GELLNORTE (período 2024-2025). Organizou três livros do ProfLetras: dois com Alcides Fernandes Lima: Pesquisa, Ensino e Formação Docente: Experiência do Profletras-UFPA V. 1 e 2. pela Pontes Editores de Campinas São Paulo e Searas literárias: dimensões literárias e práticas de leitura de literatura no Profletras. Rio Branco: Nepan Editora com Francisco Bento do Acre. Organizou ainda os livros de poesia: O Poeta Max Martins: estudos críticos; Poesia e ficção na Amazônia Brasileira pela Pontes editores e o livro Entre os astros e o desastre (2024), de Antônio Moura, pela Editora Corsário Satã- SP.  
CV: <http://lattes.cnpq.br/6007359856182459>

Texto submetido em: 14/08/2024

Aceito em: 28/08/2024